

RUPTURAS NA ESQUERDA BRASILEIRA: A HISTÓRIA DA POLOP NA CLANDESTINIDADE DA DITADURA CIVIL-MILITAR

Lineker Oliveira Noberto da Silva

Bolsista PIBIC/CNPq, Graduando em História, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: lineker.noberto@yahoo.com.br

Eurelino Teixeira Coelho Neto

Orientador, Departamento de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: eurecoelho@gmail.com

Palavras chave: POLOP; cisões; esquerda.

INTRODUÇÃO

Nesta pesquisa investiga-se a história das cisões pela qual passou a Organização Revolucionária Marxista Política Operária (ORM-PO) entre 1961, ano de seu surgimento, há 1971, ano em que se reorganiza com o nome de OCML-PO (Organização de Combate Marxista-Leninista Política Operária).

A fundação da POLOP (sigla pela qual a organização tornou-se conhecida) foi o resultado de uma série de debates e articulações entre quadros políticos e intelectuais marxistas que então militavam em pequenas organizações políticas, como a *Juventude do Partido Socialista Brasileiro* (PSB) – seção Guanabara, a *Juventude Trabalhista* de Minas Gerais e a *Liga Socialista*. Que partindo das mais variadas referências teóricas, como Rosa Luxemburgo, Lênin, Trotsky, August Brandler, Ernest Talheimer, entre outros, consolidaram em Jundiaí/SP em 1961, o I Congresso da Organização Revolucionária Marxista Política Operária (ORM-PO).

A POLOP surge como proposta de formação de um novo partido que tivesse origem na classe operária brasileira e que realmente a representasse, e não a levasse a reboque das políticas da burguesia, como até então agia o Partido Comunista Brasileiro. A POLOP propunha então, uma alternativa ao PCB, haja vista que em sua opinião, o PCB falhará na sua tentativa de se tornar o partido independente da classe operária. Sendo assim, a POLOP condenava a política de colaboração de classes, na época comandada tanto pelo Partido Comunista, como pelo PSB e PTB. E reconhecia o papel da classe operária como força aglutinadora de uma frente dos trabalhadores da cidade e do campo, em busca da formulação de um verdadeiro projeto socialista para o Brasil, que defendesse uma única revolução, e essa de caráter socialista. Constituindo assim um posicionamento contrário à posição majoritária do PCB sobre a revolução por etapas, pela qual o Brasil deveria passar até uma revolução socialista. A POLOP acreditava que o Brasil já era um país capitalista, e por isso, não precisava de uma etapa democrático-nacional-burguesa, na qual apostava o Partido Comunista Brasileiro.

A POLOP viria, entre os anos de 1963 e 1964, a concretizar mais dois congressos nacionais. Tendo inclusive o seu III congresso, sido realizado dias antes do golpe civil/militar pelo qual passaria o Brasil. O golpe modificaria o cenário político da nação, fazendo com que houvesse uma reordenação nos projetos políticos dos grupos de esquerda do país. A mudança na administração do estado brasileiro exigia dos grupos de esquerda da época, entre eles a POLOP, uma nova estratégia de disputa da classe trabalhadora, além da exigência de uma ação urgente sobre o golpe que derrubará o

presidente Jango e sepultará a democracia, fechando ainda mais o cerco contra os partidos e as organizações comunistas.

Em 1967, é realizado o primeiro Congresso da ORM – Política Operária depois do golpe, congresso onde a POLOP cede às pressões do brutal regime civil/militar instalado no Brasil, e acaba tendo o seu primeiro grande “racha”. Grupos majoritários em Minas Gerais e São Paulo divergiram da posição da direção a respeito da questão da luta armada. Este racha de 1967, que dividiu a POLOP, deu origem a novas organizações que atuaram na luta armada explícita. Como o Comando de Libertação nacional (COLINA), e a Vanguarda Popular Revolucionária (VPR).

O grupo que permaneceu na POLOP procurou articular-se com dissidências do PCB em algumas regiões do país. Nasceu deste esforço o Partido Operário Comunista (POC). Foi através do POC que militantes da “velha” ORM-PO chegaram a ter certa participação nas famosas greves de 1968, em Contagem e, principalmente, Osasco.

No entanto, no interior do POC reapareceram divergências programáticas intensas, resultando em um novo fracionamento. Já em 1971, o que restou do POC se rearticulou, dando origem a Organização de Combate Marxista-Leninista – Política Operária (OCML-PO).

Trata-se então de parte da história de uma organização revolucionária marxista, que atuou do início dos anos 60 aos anos 70 no Brasil. Muito deste período, é abrangido pela ditadura civil-militar que se instalou no país em 1964. Por isso, entendemos como inevitável falar sobre a ditadura, fazendo com que o leitor tenha um melhor entendimento sobre ela, e sobre os obstáculos que ela representou para os grupos de esquerda brasileiros. A ditadura foi à propulsora das condições que levaram a POLOP a debater internamente, questões complicadíssimas, como as que envolviam o enfrentamento armado ao regime. Levando assim, a organização as suas cisões.

Enfrentamos a todo o momento durante a pesquisa, um grande problema referente à genealogia da POLOP, chegando a um resultado sobre a problemática que envolve o fio de continuidade que une a organização fundada em 1961 àquela reorganizada em 1971, isto é, a ORM-PO e a OCML-PO. Não podemos deixar de perceber que há importantes diferenças na composição da ORM-PO em comparação a OCML-PO, causada pela perda de vários dirigentes devido aos seus “rachas”, como o de 1967.

Isto se tornou uma problemática, visto o valor que a bibliografia produzida sobre a POLOP dava a sua trajetória. O historiador Marcelo Badaró discute a trajetória da POLOP até 1967, justificando sua escolha através da valorização que deu as diferenças da ORM e a OCML, já que, de acordo com o historiador, a OCML “já não poderia guardar senão alguns paralelos com a POLOP original” (MATTOS, 2002, p.186), Joelma Oliveira (OLIVEIRA, 2007) também opta por trabalhar apenas com a “primeira fase da POLOP” até o grande “racha” de 1967. Daniel Aarão (REIS FILHO, 2007) ignora o problema, mesmo falando da existência de toda a organização até os anos 80, passando pelos suas cisões e dissidências. E Leovegildo Leal (LEAL, 1992) nem mesmo toca no assunto, ignora os cisões da POLOP, por está mais preocupado com a disputa em torno do marxismo da organização, que para o autor, é mais marxista do que as outras organizações revolucionárias brasileiras que se diziam marxistas.

No entanto, a permanência do nome *Política Operária*, e de dirigentes e grupos locais que não se desligaram, inclusive, de Eric Sachs, tido por muitos trabalhos acadêmicos e ex-militantes da organização, como principal teórico da POLOP, além da persistência de alguns eixos teórico-programáticos, fizeram com que esta questão fosse propulsora do problema que norteia nossa investigação.

METODOLOGIA

Tal estudo pressupõe a análise sobre uma organização política, embarcando assim, no que Gramsci chamará de partido. Pois para Gramsci, não seria necessária a ação política, em sentido estrito, para que se possa falar em partido político, sendo que, o papel do partido político, é elaborar sua intelectualidade organicamente, prepará-la para a execução de funções necessárias a sua classe social, transformando seus componentes em políticos qualificados, dirigentes e organizadores dos partidos, que, por sua vez, são entidades dedicadas à formação, desenvolvimento e qualificação de novos intelectuais.

De acordo com a visão de Gramsci (que também é a nossa), a história de um partido não é apenas a “narração da vida interna de uma organização política, de como ela nasce, dos primeiros grupos que a constituem, das polêmicas ideológicas através das quais se forma o seu programa e sua concepção do mundo e da vida” (GRAMSCI, 2007, p.87). A história de um partido deve ser mais abrangente, deve ser levada em consideração também, o que acontece fora do partido, visto que, tais relações (externas ao partido) podem afeta-lo internamente de alguma forma. Por isso, Gramsci acredita que “escrever a história de um partido significa nada mais do que escrever a história geral de um país a partir de um ponto de vista monográfico, pondo em destaque seu aspecto característico” (GRAMSCI, 2007, p.87). Por isso, não pretendemos durante a nossa investigação, analisar apenas os projetos políticos e documentos da POLOP, ou seja, apenas as suas discussões internas, mas também a sua relação com outras organizações da época e principalmente suas relações com o andamento da luta de classes.

Isto logicamente não nos impede de perceber a importância da vida interna da POLOP, já que é principalmente dela que tiraremos nossos resultados finais, visto que, procuramos as suas discussões internas, para enxergar melhor, de onde vieram suas decisões. Por isso fazem-se necessárias as fontes que existem no acervo do Laboratório de História e Memória da Esquerda e das Lutas Sociais (LABELU), da UEFS. Estas fontes são imprescindíveis para a pesquisa, já que os documentos, permitem acompanhar “por dentro” a história das decisões da POLOP, nos dando um acesso privilegiado aos debates internos da organização.

DISCUSSÃO

As primeiras respostas confirmaram nossas hipóteses iniciais sobre o surgimento da POLOP. As próximas respostas só poderão ser alcançadas através da análise documental que ainda se mantém escassa. No entanto, aparentam confirmar as hipóteses que havíamos formulado no plano de trabalho e que ainda sustentamos. As decisões da POLOP ocorreram graças à pressão que o regime civil/militar brasileiro impôs as organizações de esquerda. E o debate interno sobre a possibilidade de programar a luta armada foi primordial para os primeiros rachas da POLOP. Estas são as hipóteses sustentadas até aqui, e que necessitam de investigação histórica.

Poucas são as conclusões que temos a apresentar, além do mais, uma pesquisa histórica nunca está concluída. Pouco ainda foi efetivado pelo nosso cronograma e a pesquisa ainda tem muito fôlego para responder as suas questões, o que podemos afirmar, é a confirmação de algumas hipóteses iniciais, que foram alcançadas pela saturação da bibliografia sobre o campo de esquerda do Brasil, e o profícuo e inevitável surgimento de outras hipóteses que ainda precisam ser testadas e analisadas para que se transformem em conclusões, fazendo-se dignas deste espaço. Por hora, podemos afirmar

que um ano de estudos criou mais perguntas e questões sobre o objeto estudado do que necessariamente respostas.

REFERÊNCIAS

GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do cárcere*. V. 3. 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

MATTOS, Marcelo Badaró. Em busca da revolução socialista: a trajetória da POLOP (1961-1967). In: RIDENTI, Marcelo e REIS FILHO, Daniel Aarão. *História do Marxismo no Brasil*, vol. V. Campinas, Edunicamp, 2002, PP. 185-212, p. 186.

LEAL, Leovegildo P. *Política Operária: a quebra do monopólio político, teórico e ideológico do reformismo na esquerda brasileira*. Dissertação de Mestrado de História. UFF. Niterói, 1992.

OLIVEIRA, Joelma Alves de. *POLOP: As origens, a coesão e a cisão de uma organização marxista (1961-1967)*. Dissertação de Mestrado em Sociologia. UNESP. Araraquara, 2007.

REIS FILHO, Daniel Aarão. Classe operária, partido de quadros e revolução socialista. O itinerário da Política Operária – POLOP (1961-1986). In: REIS FILHO, D. A. e FERREIRA, J. *Revolução e Democracia. 1964...* Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2007.